

Direitos Humanos

Cinquentenário

O sistema de proteção internacional consagrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que hoje comemora cinquenta anos, guarda relação de afinidade histórica com o **Correio Braziliense**. Foi o jornalista Austregésilo de Athayde, um dos fundadores dos Diários Associados, rede de comunicação à qual este jornal pertence, o redator principal do documento. O texto foi aprovado por unanimidade pelas 58 nações então filiadas à ONU, em memorável assembleia realizada em Paris.

Uma incursão pelo meio século de existência da Declaração remete desde logo às exigências da consciência civilizada do mundo que a impuseram à sociedade internacional. As nações se mostraram sensíveis aos apelos em favor de reação humanitária da mais profunda tessitura moral contra as atrocidades praticadas durante a segunda grande guerra (1939/1945).

Ergueu-se, assim, à face do mundo recém-saído dos horrores do conflito, uma carta de prerrogativas universais escrita com as tintas mais impressivas do amor à liberdade, à vida, à solidariedade, aos princípios de justiça e ao sentido da existência humana como um direito acima de qualquer outro. Foi endereçada aos governos, ditatoriais ou democráticos, fonte histórica das violações à dignidade das pessoas e das maquinações bélicas estúpidas.

Meio século depois pergunta-se: os mecanismos de defesa e proteção dos direitos humanos inscritos na Carta da ONU funcionaram? A promessa de 1948 não foi cumprida. Para a maioria das pessoas, aqueles direitos são pouco mais que

"letra morta", reage o relatório de 1997 da Anistia Internacional. Mas a indagação não comporta respostas reducentes do gênero.

Na América Latina, regimes ditatoriais encarceraram e torturaram presos políticos, permitiram a prostituição, a exploração econômica e a ignorância de milhões de crianças e deixaram sentenciados apodrecer em sistemas penitenciários bárbaros, entre outras brutalidades. Mas, sob influência considerável da reforma moral impulsionada pela Declaração, se reconciliaram com o regime de franquias democráticas. Hoje, dos 34 países do subcontinente, só um permanece atrelado ao autoritarismo, Cuba.

A Rússia desencadeou ofensiva monstruosa na tentativa de sufocar o levante libertário na Chechênia, com o sacrifício de milhares de vidas. E os sérvios realizaram uma das mais cruéis faxinas étnicas da história, ao chacinarem milhares de muçulmanos-bósnios na Bósnia-Hezegovina. São dois dos mais atrozes acontecimentos dos últimos cinquenta anos. Ao mesmo tempo, o estabelecimento de zonas de exclusão no norte e no sul do Iraque interrompeu a matança de populações curdas inteiras com armas químicas acionadas desde Bagdá.

A histórica iniciativa de 1948 não fez cessar os atentados contra os direitos humanos. Mas os acontecimentos teriam sido muito piores na ausência dela. A criação este ano do Tribunal Penal Internacional e a instalação da Corte Europeia de Direitos Humanos, órgãos com jurisdição extraterritorial, são suficientes para antever maior eficácia futura da Declaração Universal dos Direitos Humanos.